

FLU - Juho.  
1977

M470

DN 23.3.56

RN 102

Rubem Braga 28/8/69

# O Grande Amor de D. Pedro II

Que o caso foi de amor não há dúvida nenhuma; indiferente à Imperatriz, Pedro II poderá ter tido algumas outras aventuras, mas o amor de sua vida é mesmo a Condessa de Barral. Através de longos anos, nessa correspondência que os descendentes da Condessa entregaram há alguns anos no Museu Imperial, e que Magalhães Júnior publicou e estudou, Pedro II abre seu coração, conta coisas de política, de guerra, fala das filhas, dos netos, de suas brotoejas e principalmente de sua saudade. É, como ele mesmo diz, o «amigo insaciável»; o tempo só faz aumentar esse amor, e é com mais, de 70 anos que ela recebe dele as palavras de maior carinho. A palavra usada nunca é «amor», é sempre «amizade»; os encontros que ele lembra não são encontros, são «conversinhas». Em Petrópolis, «nossa Petrópolis», na Suíça, em Lisboa, mas principalmente em Atenas; houve um mês em Atenas, lá pelo ano 76 (a Condessa já tinha 50 anos) que foi o mês da própria felicidade.

O importante dessa correspondência é que ela é o melhor retrato humano de Pedro II, é o homem na sua intimidade, mostrando o que é e como vive. Aqui se vê como ele levava a sério seu ofício de Imperador; era, positivamente, o burocrata número 1 de seu reino. Se tem tempo para se divertir é porque seu tempo rende fabulosamente; quase todo dia, além de despachar seu expediente e dar audiências, ele vai assistir a uma conferência, aula ou demonstração científica e depois ao teatro; é mesmo um grande maníaco de teatro e música, assiste à mesma ópera dias seguidos. Mas seu grande vício é ler e estudar, e esse vício ele procura transmitir a todo mundo. Assiste aos concursos, examina, fica triste quando acha os rapazes ignorantes, ou alegre quando encontra um moço de 20 anos de talento, como Frontin. Em viagem — e ele quando não está viajando está sonhando com viagem — quer também conhecer todo mundo, ver tudo, indagar sobre qualquer novidade de arte ou de mecânica ou de fisiologia; é um diletante insaciável, um curioso universal. Mediocre, sem nenhum grande vôo de espírito, e forçosamente superficial, ele faz um esforço constante para se aproximar dos homens de gênio ou de talento, para aprender coisas úteis ou inúteis; em certas épocas lê «nunca menos de 10 horas por dia».

Sua paixão pela Condessa é sobretudo espiritual, mas de vez em quando ele deixa escapar saudades tão agudas de certos momentos que não restam dúvidas sobre a natureza de suas relações com a fidalga baiana. Há referências repetidas, por exemplo, a Humaitá, provavelmente a passagem de Humaitá, talvez um aniversário desse feito guerreiro — «Que calor faz hoje!» — escreve ele já em 1880 — «Mas quem me dera o suor de Humaitá!».

Também diz com freqüência que «as saudades são mato», sonha com a Condessa, sonha que estão brigando e ficando de bem, sonha de verdade e principalmente «sonha acordado». Muito freqüentemente ele é piegas, quase sempre banal, às vezes ridículo — quem não o é, às vezes, em cartas de amor? Mas há momentos de um carinho grave, sério, com o selo respeitável das grandes dedicações. E isto faz comovente aos nossos olhos a figura de Pedro de Alcântara.

5.65-6  
250  
1250  
64-406  
360  
846  
63

260